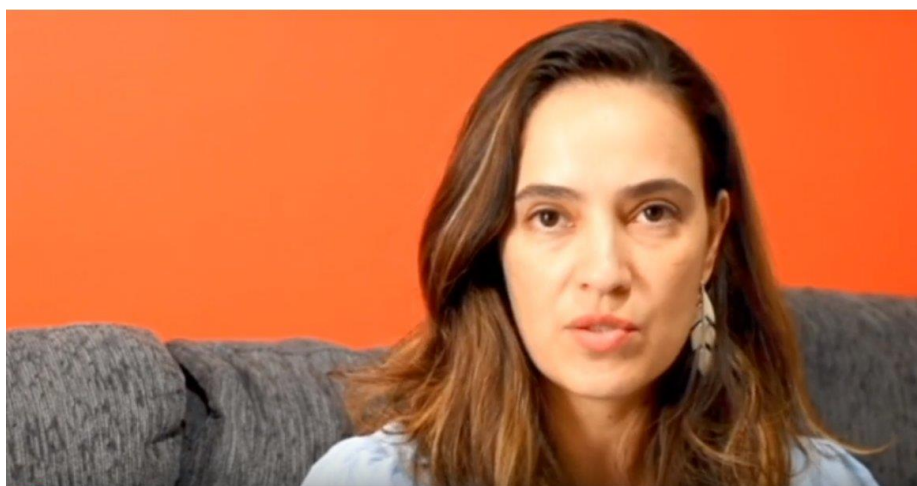


O trabalho de humanizar as instituições

Análise crítica do filme “Ana Paula, Assistente Social” (2016)

Leonardo Augusto Franco¹



O vídeo “Ana Paula, Assistente Social” (Práxis Vídeo, 27 min) nos traz importantes reflexões acerca do mundo trabalho, mais precisamente acerca do funcionalismo público. Ana Paula, concedeu ao “Cine Trabalho” no ano de 2016, na ocasião estava com 39 anos. A entrevista conta sua trajetória no mercado de trabalho, trazendo o ponto de vista humano em meio a todo pragmatismo do setor público. A entrevistada diz que após se formar em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) prestou concurso público para trabalhar na Fundação Casa (antiga FEBEM) emprego no qual ficou 13 anos, esse foi o primeiro vínculo de trabalho de Ana.

¹ Graduando do quarto ano em Ciências Sociais pela Unesp de Marília-SP

Cine Trabalho

Após esse período prestou concurso para o fórum de Marília-SP, esse era o atual emprego de Ana durante a entrevista.

Olhando para os tempos de Fundação Casa, Ana Paula comenta as principais dificuldades encontradas naquele que foi seu primeiro emprego, como por exemplo o problema da violência e do trabalho árduo que acabava consumindo a Assistente Social, gerando estresse na mesma. Nas palavras de Ana: “Lá (na Fundação Casa) eu vivia estressada, você lida diretamente com a violência, os jovens tiveram a vivência deles no meio do crime e agora estão dentro de um lugar em que estão privados de liberdade” O trabalho acabava consumindo Ana Paula dentro e fora da fundação, ela nos conta que, sua terapia consistia em “tentar se desligar, sair do portão pra fora e esquecer que trabalha ali” Entretanto, muitas das vezes isso se tornava impossível.

Segundo Ana, nos primeiros seis anos na fundação ela foi encarregada técnica depois passou para supervisão técnica o que aumentou sua responsabilidade, consequentemente o todo o estresse causado devido a cobrança incisiva da instituição, Ana nos conta que ela tinha que ficar 24h com o celular do lado pois a qualquer momento poderia acontecer algum problema na fundação e ela teria que resolver, independente do horário de serviço.

Ana comenta que conforme o tempo foi passando, sentiu que ficava cada vez mais difícil se desligar do trabalho e cita novamente o estresse que acabou ocasionando problemas na vida pessoal, ou seja, Ana Paula chegou ao seu limite quando então teve a oportunidade de prestar concurso para o Fórum Municipal do município de Marília-SP.

Na entrevista realizada a Assistente Social estava caminhando para seu terceiro ano no Fórum, no qual ela contou as principais diferenças para o emprego anterior: “Foi muito difícil no começo, o primeiro ano foi de adaptação, se na Fundação Casa era a violência que a gente cuidava, no fórum é questão de justiça: a instituição sofre daquilo que lida, ou seja, ali eu lido com a injustiça, na “Fundação Casa” para combater a violência eu lidava com a violência”.

Ana comenta que, a mudança de emprego fez bem para sua saúde mental, muito principalmente devido a carga horária que era menor do que do emprego anterior, como dito anteriormente, Ana Paula ficava o dia todo sobrecarregada, era comum trabalhar dez

Cine Trabalho

ou até doze horas por dia, enquanto no Fórum seu horário de trabalho foi de seis horas diárias. Uma das principais melhorias dessa redução do tempo de trabalho foi que segundo ela, apesar do tempo de atividade ser menor há mais concentração, não chegando a gerar um estresse físico e psicológico quanto na Fundação Casa.

No Fórum, existem conflitos de geração, a entrevistada comenta que há uma diferença de idade bastante discrepante o que ocasiona geralmente resistências em questões de inovações. Ana comenta que existem pessoas que trabalham ali há mais de 20 anos e que essas pessoas comentam que o sistema judiciário de hoje é bastante diferente daquele de 20 anos atrás. Muitos dos seus colegas de trabalho vem de “outra história” uns atuavam na área criminal e não tinham um lugar fixo para atendimentos, não tinha um conselho tutelar, o que dificultava muito aquele trabalho, hoje segundo Ana Paula existem algumas melhorias em relação ao passado, citando por exemplo o crescente número de redes de atendimento.

Sobre o trabalho específico da Assistente Social no Fórum, Ana conta que por já ter tido uma experiência em mediações de conflitos no emprego anterior, teve mais facilidade para entender as pessoas, mas faz as devidas ponderações, que há casos complicados no fórum e que há uma exigência de estudo para estar bem informada nas demandas e nas questões jurídicas. Ana conta algumas dificuldades que encontrou no pouco tempo de trabalho no Fórum:

“Um dos problemas são a diferença de visão entre os profissionais das humanas com aquele que ta exercendo o poder maior que é o juiz, é uma grande dificuldade, há embates de visão diferente sobre o mesmo caso - um não vai convencer o outro - nisso fica meu parecer que tem muito embasamento para tentar convencer o juiz sobre algum caso, para ele ter um olhar mais cuidadoso”.

Isso acabou causando algumas dificuldades no começo para Ana, mas ela comenta que conforme o tempo foi passando, conseguiu ir contornando e dando seu jeito para os conflitos, Ana nos traz o lado humano dentro da burocracia, uma de suas metodologias é trabalhar em grupo e buscar discutir caso a caso com diferentes pontos de vista:

“No primeiro ano tive dificuldade de me desligar [...] as pessoas muitas vezes atendem o caso mas não sentem necessidade de discutir as coisas, mas aos poucos dei

Cine Trabalho

meu jeito, eu trabalho da mesma forma de sempre, gosto de conversar, discutir, trocar ideia, não gosto de estar sozinha no caso pois a dimensão humana fica mais presente no parecer técnico[...] eu trabalho junto com uma psicóloga, a gente troca bastante ideia, fazemos visitas domiciliares juntos e cada parecer é único e um complementa o outro.”

Ainda que o Fórum tenha proporcionado uma melhoria significativa na qualidade de emprego para Ana Paula, o mesmo não pode ser dito para outros trabalhadores de lá. A entrevistada comenta diversos casos de precarização do trabalho em alguns setores. Um dos casos que mais chama a atenção é de companheiros de trabalho de Ana que, possuem um contrato diferente, que não são efetivos e conseqüentemente recebem um salário bem menor, ao mesmo tempo que não tem uma garantia de emprego a longo prazo, podendo ser demitidos a qualquer momento. Dentre esses trabalhadores encontram-se assistentes sociais e psicólogos além de motoristas.

Ana conta que esses trabalhadores mais precarizados costumam se chamar entre eles de “Turma do Limbo”. As precarizações causaram uma resistência de alguns setores, a entrevistada conta que houve uma paralisação por conta de salários atrasados e que é comum ver os trabalhadores apreensíveis. Ana Paula comenta que não só no Fórum, mas no serviço público de modo geral anda cada vez mais difícil para o funcionário. Diversos trabalhadores se veem sobrecarregados e acabam sendo culpados muitas vezes sem ter culpa alguma, Ana diz que a culpa não é do funcionário, mas sim do sistema que se mostra cada vez mais precarizado e limitado e que os funcionários acabam cada vez mais sendo culpabilizados pela ineficiência da burocracia e quanto mais ela se aproxima dos profissionais da rede, mais ela vê a angústia dessas pessoas.

A carga psicológica em cima desses profissionais precarizados causam cada vez mais o adoecimento dos mesmos. Ana comenta que mesmo após o período de licença médica os funcionários não voltam “curados” a angústia deles permanece. No caso pessoal de Ana, houve de fato uma melhoria em relação ao seu emprego anterior, principalmente em sua vida pessoal, a entrevistada aponta que era difícil conciliar trabalho e lazer e ainda por cima passava por problemas dentro de Casa:

“Eu trazia coisas para Casa, não tinha mais paz dentro de Casa, sabe? Eu brigava e discutia e era uma bomba relógio. Quando me mudei pro Fórum, a qualidade de vida

Cine Trabalho

mudou, eu consigo conciliar mais minha vida profissional e pessoal, consigo ter tempo para o lazer e para a família, estou mais calma agora, apesar de ter sido difícil no começo, agora consigo me desligar mais e me organizar melhor, a gente se adapta a pressão e se pergunta: como posso sair dessa loucura? Como fazer para vida profissional parar de atrapalhar a vida pessoal? Isso é um exercício diário”

Ana Paula afirma que o estado desvaloriza o profissional e que ouve de quem está há mais tempo que ela no mercado de trabalho que a questão salarial está cada vez mais arrojada, não existe aumento como no passado, ou seja, não foi respeitado o percentual de aumento. Algo que vem acontecendo paulatinamente em diversos setores do funcionalismo público, causando cada vez mais o adoecimento dos trabalhadores.

Alves, Motta e Vizzacaro-Amaral (2011)² aponta que os problemas principais relacionados a saúde nos contextos atuais do trabalho encontram-se a “intensificação do ritmo de trabalho, exigências abusivas de qualidade a questão de metas a cumprir, imposição de um sistema de multitarefas, extensão abusiva do horário de trabalho” tudo isso vindo em detrimento da força sindical, ou seja, não há uma força política organizada para proteger esses direitos que a cada dia estão sendo cortados. Isso também ocorre no caso do Fórum em que Ana Paula trabalha, como também acontecia na Fundação Casa, essas novas características de meritocracia do trabalho advindo com o neoliberalismo a partir dos anos 1980 têm “forjado um novo perfil de adoecimento em diversas categorias profissionais”

Após a explanação acerca de suas dificuldades e dos problemas estruturais, Ana Paula comenta a parte gratificante acerca do trabalho que ela desenvolve. Com o sorriso no rosto e olhos brilhando relembra de casos em que as pessoas voltavam para agradecer-lá pelo atendimento atencioso e assertivo, além de casos emocionantes na área da infância com crianças e adolescentes que encontraram uma família:

“A gente facilita esse encontro da criança com uma família, teve o caso de um adolescente que eu atendi por quase dois anos e já estávamos trabalhando para ele ser autônomo, pois não havia uma perspectiva de alguma família acolhê-lo devido a sua

² Alves, G; Vizzacaro-Amaral, A; Mota, D. (2011), Trabalho e saúde – A precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI. São Paulo: LTr.

Cine Trabalho

idade. Com isso a gente propôs um apadrinhamento afetivo [...] mas por incrível que pareça, aconteceu, uma família quis adotá-lo. Outro caso marcante foi de quatro crianças que eram irmãos que estavam sobre nosso cuidado pois infelizmente a mãe era alcoólatra e não conseguiu se organizar para manter a guarda dos filhos. Encaminhamos essas crianças para adoção sabendo que seria muito difícil, por sorte apareceu uma família que adotou as quatro crianças, isso que o Casal já tinha dois filhos, olha, agora são seis. Essa é a riqueza do nosso trabalho”

A conclusão que temos ao ouvir os relatos de Ana Paula é de que, a precarização do trabalho está presente também em setores com bastante prestígio do funcionalismo público. Há relatos de funcionários com a mesma função ganhando valores diferentes, sem uma condição digna, vivendo sem a segurança do cargo, com o medo de serem demitidos a qualquer momento.

Há também diversos casos de adoecimento que tem se tornado cada vez mais comum, diversos funcionários afastados que continuam doentes após seu retorno, ou seja, não há uma melhoria de fato na saúde mental desses trabalhadores. Outro fator não menos importante a se considerar é que se faz necessário trazer uma reflexão acerca da imagem do funcionário público frente a sociedade civil, muitos dos problemas burocráticos ou demandas não atendidas pelos órgãos públicos acabam sendo incorporados na figura do funcionário que acaba sendo culpabilizado e absorvendo essa culpa, trazendo ainda mais desgaste mental, Ana Paula afirma em vários momentos que, a culpa é do sistema, não do funcionário, mas isso acaba causando uma relação problemática entre o “atendente e atendido.” Por fim, notamos que Ana Paula, apesar de todas as condições adversas mantém seu lado humano, traz consigo sua metodologia de ouvir o outro para no fim, de forma dialética chegar a uma solução humana e não mecanizada para as demandas associadas ao trabalho de Assistente Social.